

As questões em torno da transexualidade remetem, de um lado, aos debates contemporâneos em torno das intervenções biotecnológicas aplicadas sobre os corpos sexuados bem como às discussões relacionadas às expressões da sexualidade e do gênero. Este estudo tem como objetivo analisar as diferentes interpretações sobre a sexualidade e o gênero e como elas se articulam com as intervenções médicas (cirúrgicas e hormonais) no contexto das experiências de vida de mulheres transexuais que vivem no Rio Grande do Sul. O trabalho está inserido em uma pesquisa mais ampla, de orientação etnográfica, na qual será utilizada como técnica privilegiada a entrevista semi-estruturada com 10 intersexuais e 10 transexuais maiores de 18 anos, que foram submetidos/as a algum tipo de intervenção médico-cirúrgica. Os dados estão sendo sistematizados a partir de categorias pré-definidas pelo projeto da pesquisa e também a partir daquelas que têm surgido ao longo do trabalho de campo – categorias “êmicas”. A análise dos dados consiste em observar as categorias mais recorrentes, avaliando o conteúdo e o contexto em que aparecem. A interpretação será realizada a partir do referencial teórico da Psicologia Social e da Antropologia Social e da literatura específica relacionada ao tema. Os resultados parciais apontam para uma variedade de discursos sobre o lugar ocupado pelas intervenções médicas nas concepções sobre o gênero e a sexualidade das mulheres transexuais entrevistadas. Em algumas situações, a cirurgia de transexualização aparece no discurso como um marcador para as definições sobre a própria sexualidade antes e após as intervenções. Em outras, as narrativas afirmam uma identidade feminina constituída desde o nascimento, a qual não necessariamente precisa ser confirmada por procedimentos cirúrgicos. Constatase, ainda, que os discursos sobre a construção de uma “identidade sexual” podem ora invalidar ora reafirmar o reconhecimento de algumas experiências anteriores às intervenções.